

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—**IMPRESA CIVILIZAÇÃO**
de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

As Congregações Religiozas

No meio de tantos delirios, uma das cousas que repugnam mais á razão, á consciencia e á verdadeira piedade, é a blasfemia que se encobre debaixo do diluvio de frases com que se exaltam, sobre as ruínas da jerarquia ecclesiastica e da divina missão dos pastores, essas congregações religiozas de ambos os secos nascidas ha dois dias, jezuitas, lazarietas, irmãs da caridade, e não sabemos que mais invenções modernas do ultramontanismo, desconhecidas durante quinze seculos da igreja. O bispo, o paroco, aqueles que o Salvador instituiu para ensinarem a lei e a salvação; aqueles que o Divino Mestre julgou suficientes para manterem a pureza da fé, para serem o sol da terra e a luz do mundo, são declarados inábeis ou insuficientes para exercerem as funções que exclusivamente lhes foram cometidas, e muitos d'elles não hesitam em subscrever ao pensamento impio, escondido como o aspidé nos morraças da algaravia devota.

O antigo monachato, na sinjeleza da sua orijem, nem era um perigo para as instituições sociaes, nem seria uma ameaça para a liberdade. O monachato, como ele nos aparece nos primeiros seculos cristãos, representava os profundos desenganos, o cansaço e o tedio do viver civil. O monje, despozando a solidão, firmava um acto de divorcio com a sociedade. Esta não seria nem tolerante nem justa, se perguntasse ao que se collocava alem d'ela, que nada lhe pedia, nem impunha, nem oferecia, nem aceitava, qual era a norma da sua existencia. O mosteiro nos desvios selvaticos devia ser um santuario talvez ainda mais imune que a familia. N'esses tempos, nem sequer existia neco entre cenobio e cenobio, embora entre elles houvesse uma regra comum. Para adquirir o alimento pelo trabalho e o ceo pelo sacrificio não era preciso transportar para o deserto o mecanismo de uma organização complicada, nem vestir a cogula do despotismo. Um chefe eletivo mantinha em cada gremio a disciplina indispensavel para a quietação de todos. Nas relações puramente espirituaes, esses homens pios nem sequer imaginavam que o sacerdocio devesse associar-se com o ermo; e se abandonavam a sociedade civil, não deixavam por isso de aceitar e reconhecer a igreja. Nunca se persuadiram de que a instituição divina dos pastores fosse insufficiente para apascentar o rebanho.

Na sinceridade do seu coração não suspeitavam, sequer, que viriam tempos em que os homens achassem incompleto o cristianismo, e quizessem aperfeiçoar a jerarquia e o governo da igreja, imutaveis na essencia como a sua doutrina.

Os institutos monasticos dilataram-se, prosperaram, dejeneraram regressando ao mundo social, decaíram e pereceram, ou vejetam apenas num triste crepusculo.

O liberalismo olha-os com suspeitas que os factos justificam. En-

tretanto a sua condenação completa não se escreveu ainda. Talvez um dia, quando a liberdade fôr por toda a parte uma condição impreterivel da civilização e da existencia das nações cristãs, o monachato resurja na sua primitiva pureza. Ha dores para as quaes a vida civil não tem balsamo, desalentes para que não tem conforto, desesperanças para que não tem iluzões, amarguras que não cabem n'ela. Além das suas fronteiras, dos seus azilos para os infortunios vulgares, porque se não deixará construir um refugio de preces e de lagrimas para as miserias moraes incuraveis, e para as situações insoluveis e extremas?

Mas que ha de comum entre isto e as congregações modernas, que se organizam pelo ideal do despotismo, e que, reijdas por esse principio, tão odioso e brutal como enjico, penetram no amago da sociedade como o ferro do machado no cerne do roble? Quando elas pedirem ao povo o coração da mulher para o dirjir, e a debil inteliencia da infancia para a afeioar, o povo, se não for insensato ha-de forçosamente replicar-lhes:

—«Para que pedis isso? Vindes do despotismo: não podeis senão arastal-os para o despotismo; para o despotismo na igreja, e para o despotismo no estado».

Alexandre Herculano.

A OBRIGA

CARETA ROTA

Moreira Junior, progressista puro e leader parlamentar, teve ha dias, perorando, um puro arranque de jenio, uma revelação de ciencia salomõesca. Foi o caso que, versando a manifestação liberal anterior do 2 de agosto e reportando-se á representação dos manifestantes, o orador, com energia—podéra!—afirma que a questão do momento, o problema grave da ocasião era, não a questão moral do problema politico-religioso, mas sim, a mais terra a terra, mas formidavel e irradiavel questão da economia. Sim senhor. Falou como um livro, e Adam Smith ou Mendizabal não teriam sido ma's convincentes, mais praticos, mais sagazmente adivinhadores.

Economias!

Muitissimo bem, peregrinamente...

Ora, agora, um pouquinho de blague, abramos a «campanha alegre» do Eça. Economias: vamos a vêr o que nos diz do cazo um partido monarchico; os reformistas. Com venia:

«A questão religioza é complicada.

Qual o vosso principio n'esta questão?

—Economias! disse com voz potente o partido reformista.

Espanto jeral.

—Bem! e em moral?

—Economias!—bradou.

—Viva! e em educação?

—Economias!—roncou.

—Safa! e nas questões de trabalho?

—Economias! mujiu.

—Apre! e em questões de jurisprudencia?

—Economias! rujiu.

—Santo Deus! e em questões de literatura, de arte?

—Economias! uivou.

Havia em torno um terror. *Aquilo* não dizia mais nada. Fizeram-se novas experiencias. Perguntaram-lhe:

—Que horas são?

—Economias! ronquejou.

—De quem gosta mais, do papá, ou da mamã?

—Economias! bravejou.

Um suor frio humedecia as camizas. Interrogaram-no então sobre a taboada, sobre a questão do Oriente...

—Economias! gania.

Foi necessario reconhecer que o partido reformista não tinha ideas.

Possuia, apenas, uma palavra, aquela palavra que repetia sempre, a todo o proposito, sem a compreender.

Ha trinta e nove anos eis a picante e caricata figura que ia tornar-se o snr. Moreira.

Hoje, eis como ela ajusta, que nem um brinco, á sua cazaca historica de leader da maioria.

Mas consideremos. Não foi só uma imbecilidade, o discurso foi acima de tudo uma habilidade, um *truc*.

Falando á nação no seu pé de meia quiz fazel-a esquecer-se de Santo Inacio. A boas horas. Com um tal prestijio...

Economias!... Ora vejamos.

Em 1879 D. Luiz, rei sibaritico, despediu o Fontes e ofereceu o governo aos filhos dos Passos. Depois do pacto da Granja era a primeira vez que os democratistas monarchicos eram chamados ao paço; a primeira vez que aceitavam servir o povo açaimando a Ajuda. Tinham um programa precizo e as urjentissimas «economias» lá vinham, pimponamente, á cabeceira do rol. Sim senhores, ia d'esta! Foi. Governaram, por fim cairam, e dado o balanço ás «economias», achou o paiz que a jerencia dos progressistas o onerára em milhares de contos. Descançam uns anos, tornam ao mando e, salvo uns intervalos fugazes, alternam com os rejeneradores trinta anos na administração do paiz. Foram governo, deram a lei; teem o seu chefe que ha uns dez anos seguros é o mestre, o inspirador da politiquice, e o seu Espergueira, que ha mais uns tantos, é o João Brandão do erario publico... e economizaram, tão bem, que teem a mór parte da culpa na bancarrota que nos afoga.

Pois é verdade, toda a questão é de «economias». Sim, é.

Com o poleiro nas mãos honradas, impoluidas, de rebentos espergueiraticos... Com o *imaculado* a poupar... Alegre mundo! Alegre leader!

Antonio Valente.

ECHOS DA SEMANA

Esquecendo

Vae para dois anos que funciona no reinado manuelino o parlamento,

intermitente e desastradamente lejisferando, mas, em suma, vivendo. Um dos seus primeiros cuidados, dentro da lojica e do senso comum deveria sêr a revizão da obra lejislativa da ditadura, visto que lhe succedia na ordem cronologica, e a lei, a razão lhe impunham o julgamento dos ditadores. Um pouco desleixadamente mas reconhecendo essa necessidade de reparação nomeou-se, logo aos primeiros goles da lide parlamentar, uma comissão de inquerito á ditadura sinistra. Pois, bons portuguezes, até agora ainda não houve meio da comissão dar os seus trabalhos, até agora, ainda, o parlamento não se ocupou das leis ditatorias—revogando-as, ou lejitimando-as. Dir-se-hia que a funesta e monstroza aventura se varreu completamente da voluvel memoria humana. Sim, dir-se-hia que todo aquelle acervo de crimes: perseguições, carceres, decreto de 31 de janeiro, 1 de fevereiro, se passaram lonje, n'algum ignorado canto dos antipodas; e que mal d'ele ouvimos falar, n'um imprecizo eco de telegrafia. Dir-se-hia, sim, que não fomos as testemunhas, as victimas de um arbitrio tigrino... Belo paiz. Santa jente.

Um testemunho

A's vezes, no desespero de uma dialctica de palhaço, os monarchicos apegam-se á França republicana, da qual, seja dito de passagem, recebem as ideas e os fraques de que se vestem, e zurzem-na com deza-piedade furor. Puerilidades, é bem de vêr, pois que a grande republicana não torce um apice na sua diretriz esplendida por tal motivo, mas puerilidades grosseiramente enganadoras pois se destinam ás galerias da casa. Em regra só no momento da defeza atravez de tudo, que, fora d'isso, não ha nenhum tão francofilo que não reconheça *in petto* a grandiozidade da prestijioza democracia. A proposito da instrução, por exemplo. Que imaginam que disse um monarchico, o deputado Sabino de Souza?

Nem mais nem menos—isto:

«A França é o paiz ideal, onde as universidades populares, onde a instrução do povo tem alcançado o maior desenvolvimento, onde maior proteção tem encontrado, não só por parte do estado, como tambem por parte dos grandes capitalistas».

Sim. Exatissimo. Mas falta lembrar, para sêr completa a lição, que a republica recebeu do imperio alem d'um paiz vencido, arruinado, incendiado, uma instrução primaria com a percentagem de 40 % de analfabetos, e uma instrução secundaria, profissional e superior, lamentavelmente exigua e decadente.

E teve a republica de pagar quatro mil milhões de francos, indemnização da guerra; teve lutas colonias dispendiosas, teve de reconstituir a França para a defeza, para as inter-comunicações—para tudo! Tarefa que ainda não dura ha quarenta anos, e no entanto a republica suprimiu o analfabetismo e elevou o ensino ao grau de esplendor a que alude Sabino de Souza. E' maravilhoso e como o afirmou Eça de Queiroz dando balanço

á vida franceza é desigualavel. Eis a obra da republica.

A nossa são os 80 % .. em cinquenta anos de paz pôde.

Ordem... de Varsovia

De Espanha, pelo telegrafo, poucas noticias; pelos jornaes, exclusivamente, o que consente a censura.

Assim os sucessos de Barcelona são, ainda, incompletamente conhecidos; e não se sabe quantos milhares de pessoas terá fuzilado a lei marcial que, ao que parece, anda apostada a transformar toda a Catalunha numa segunda Mellila. O que se sabe e facilmente se prevê é que foram incalculaveis os prejuizos materiaes, e o que se conhece é que o movimento revolucionario foi uma explosão espontanea, vigorosa do sentimento popular sem aceitar nas suas oriens filiação nenhuma de partido. Quanto aos excessos do movimento... mais tarde, na hora da serenidade e da izenção, vêl-ohemos, naturalmente, reduzidos ás proporções justas; e reconheceremol-os motivados em cauzas, por ora, desconhecidas.

Por emquanto reina a paz de Varsovia, isto é, a espingarda e a bala comum dos cemiterios.

Deixe-se dissipar o nevoeiro, para depois se fazer historia... sem procedencias da «Havas».

Nos conventos

Arrombaram sarcofagos dos conventos, na Espanha, os revolucionarios. E dezenterrados os mortos viu-se, horrorosamente, que havia carcassas com patentes, inapagaveis vestijios de mutilações criminozas, de delitos obscenos que a paz da campá escondia. Esses cadaveres, dezenas, tiveram-os em exposição macabra no alto das barricadas os insurrectos—fazendo assim uma formidavel, uma terrifica historia viva. Mortas se viam que a gravidez arrastára a uma execução assassina, emfim, certos conventos, por baixo do lajedo que os cohonesta, eram verdadeiras cavernas prostibulares revelando por menores, episodios negros. Vem o facto publico, notorio, largamente visto, narrado não nos jornaes «jacobinos», não na imprensa «irreligioza», mas, desenvolvimento, em toda a imprensa europeia. Os jezuitas, lazarietas e companhia não se verão muito atrapalhados em negar contra a evidencia; nem injenuos fanaticos lhes faltarão a reforçar o côro das negativas. Entretanto o processo barbaro de documentar arrancando aos mortos uma confissão fulminante, esse processo, se faz calafrios, tambem deve abrir alguns olhos. Qual a mãe, o pae, que vendo-os não trema pelos seus filhos; e qual o velho que para o futuro o não conte, como uma vizão terrivel, ao ouvido avido dos novos?

A paz dos conventos, a santidade da vida nos profissionaes do monachato!... Como ela seria, contada por aqueles esqueletos, se os revolucionarios em vez de os arrancar da campá os tivessem salvo, no potro inquisitorial dos tormentos. Como seria, santaralhões...

A maravilha

Deve entrar em discussão parlamentar, amanhã, o tratado comercial com a Alemanha. Vamos a vêr como as grelhas se tornam setas nesse famoso, libretizado negocio, que foi para Portugal, no dizer dos estadistas de cordel, um premio grande da loteria.

Vae ficar o mundo banzado ante a sagacidade florentina do nosso actual ministro do reino, autôr d'aquilo ou, pelo menos, nobilitando-o, com um illustre signé.

Sim, porque o tratado com a Alemanha, é cá um palpite gratuito, é a ruina, as sete pragas do Egipto, para a poderosissima grande nação. O pequeno Portugal almoça e merenda a Alemanha-matêr, talhada em fatias finas pelo estadista Wenceslau. Até o Pombal e o Pit descançaram do seu voltarete para admirar a façanha. Ora o tratado... d'aqui a pouco já os senhores sabem.

Lopes Fidalgo

A brutalidade d'um desastre que a toda a gente pungitivamente alarmou, reteve uns dias no leito este nosso querido e distincto amigo.

E, como se desse o caso de nos primeiros momentos inspirar receios o nosso doente, estivemos, estiradissimas horas, sobre uma impressão de incerteza terrível:—dolorosa, lancinantissima. Mas está melhor, á hora a que escrevemos pôde dizer-se convalescente.

Os nossos leitores bem calculam o justificadissimo jubilo com que o sabemos livre de perigo, e, nós, vemos bem a alegria que lhes dará a noticia tranquillizante. Seus admiradores, seus amigos, podemos respirar, adquirir socego. Está em franca e optima cura. Felizmente.

Administrador do concelho

O Jornal d'Ovar respondendo a uma nossa local inventou—quem o havia de suppôr?!—a existencia d'um blóco para concorrer ás eleições de 1910, e que para preparar terreno vamos aggravando os progressistas mais em evidencia.

Ora isto, se não é um grito de consciencia, foi um sonho mau.

Nós não agravamos, ninguém, collega. Apontamos um facto—o do snr. administrador nunca estar na sua repartição—tão verdadeiro que o collega o confirma plenamente, dando na secção noticiosa, a noticia, parece que de sensação, d'elle lá ter estado na sexta e sabbado passados. Parece, pois, que nos outros dias não tinha estado.

FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

Nunca me esqueceu nem jamais esquecerá que ereis o tenente coronel dos meus queridos dragões de Chaves; que fostes vós o commandante da carga solene que sofreram as tropas liberaes em uma das primeiras sortidas do Porto; e que fostes traiçoeiramente arrastado pelo infame general Urbano, quando com outro infame, o coronel Albuquerque, fizeram acabar dezonrozamente na Chamusca os ultimos esquadões do regimento de Chaves. Mas vós, honrado Cerveira, ficaste ilezo da ignominia jeral, porque rejeitaste o perdão e disseste que ereis um prisioneiro de guerra, e aceitaveis as consequencias da vossa posição.

—Foi assim! exclamou o Cerveira erguendo-se de salto. O Saldanha era meu capitão quando eu era cadete; conhecia-me. Mandou-me chamar á sua presença; que me fizesse liberal, e me entregavam a minha

Nós temos o Jornal no sabbado á tarde e como é impresso no Porto, o original deve ter ido na sexta-feira.

Portanto, afirmando que elle lá estivera no sabbado, mostra que na visita de sexta ficou combinado e assente que elle lá iria no sabbado.

Ficou ainda na secretaria; com mais um emporrãozinho vae para o seu logar, com o que nós folgamos, e creia o collega que apenas desejava os poder elogiar o snr. administrador.

Mesmo porque estamos inteiramente d'accordo com o collega quando diz que «as obrigações estão primeiro que as devoções». Assim é que é, e foi isso o que nós pedimos.

N'uma coisa é o jornal impiedoso. Pergunta qual o ósso que nos engasga E' o snr. administrador! Ora ahí está! Mas não percebemos a parda do ósso!

Ou quer dizer que nós só roemos ósso mofando assim da nossa pobreza, o que não é bonito nem justo que faça quem tem boas postas, ou quer alludir ao physico do snr. administrador que realmente não tem carne, o que se não faz tambem sobretudo a um amigo.

Emfim, de tudo isto se apura que a Patria não perdeu o tempo com a sua reclamação, e que o snr. administrador foi amavel em attendel-a. Já vê o Jornal que não dizemos mal d'elle.

E ficamos todos bem, e contentes. Ora, pois!

ARA

FOLHA CAHIDA

Arida palma tem seu licôr; tem, como a alma tem seu amôr; tem, como a herá tem seu abri; tem, como a fera tem seu covil.

Tem toda a planta, que o sol crestou, lagrima santa que a orvalhou; e o passarinho, que hontem nasceu, lá tem seu ninho que a mãe lhe deu.

Só eu na magua do meu penar sou como a agua que anda no mar; sou como a onda que á busca vem d'onde se esconda, e onde não tem!

Folha revolta que anda no chão, lagrima solta do coração; corpo sem vida, haste sem flôr, folha caída do meu amôr!

João de Deus.

espada; e eu (batia duramente no peito com as mãos ambas) eu, padre, eu, aqui onde me vê, disse-lhe que levasse o diabo a espada para as profundas dos infernos; que a minha espada tinha-m'a dado o snr. D. Miguel I e que ele me daria outra, quando fosse precisa. Ficaram estarecidos; e o patife do Saldanha, que tinha sido um realista de todos os diabos, quando era o gajo da Izabel Maria, chamou-me estúpido. E eu, vae não vae estive a mandal-o...

Disse o resto. O padre riu-se, e pediu-lhe licença para continuar a leitura, porque se chegava a hora de ir dizer missa.

—Ande lá.

Desgraçadamente o vosso heroismo e amor á minha causa legitima não foi muito imitado. Eu perdi a coroa, mas a perda maior foi de amigos como vós, bem poucos, mas que valem um reino.

—Torne a lêr esse bocado que é cousa muito profunda, ó padre Rocha.

Fez se-lhe a vontade. O Rocha tambem admirava, e de si comsigo dizia que o rei tinha bom palavriado sentimental ou que o impostor não era qualquer pedaço d'asno. Continuou.

CONTRA OS JEZUITAS

Até os «Santos Padres»!

A campanha liberal em que, á hora corrente, se empenham as camadas cultas e uteis do povo portuguez, esta campanha que iniciou, admiravelmente, a maravilha manifestação do 2 de agosto tem como objecto maximo dos seus esforços a aniquilação, no nosso territorio, dos jezuitas. E' que a Companhia de Jezus, assim blasfemamente se intitula a ordem dos descendentes de Loiola é o maior inimigo do progresso humano, o mais teimozo adversario da liberdade politica e o mais funesto agente de depravações. Não é só isso porem, mesmo, religiosamente, a Companhia de Jezus é um foco de doutrinas perigozas, e não teem faltado, no proprio seio da igreja, personalidades da mais alta virtude e do mais orthodoxo sabêr que a tenham considerado como um manancial de herezias e como uma orijem perene de devirtuamento da moral. Padres, e dos mais illustres pelo seu modelar viver e pelo profundo conhecimento teologico, não teem desdenhado combatel-a e denunciar-lhe a perniciosidade; papas, congregações e estabelecimentos de ensino catolico teem, por vezes, e com eloquencia e verdade demonstrado os defeitos, os erros, a detestavel e odioza organização dos jezuitas.

Assim no famosissimo breve, Dominicus ac Redemptor noster, o papa Clemente XIV, extinguindo os jezuitas em todo o mundo, acuzas-os, na diplomatica e fina linguagem da Curia, de inimigos da paz cristã; e lança sob a Companhia a condenação serena, mas implacavel, de inimiga dos povos.

Mas transcrevamos—que é melhor e mais impressivo.

«Na verdade—com grandissima dôr do nosso coração—observamos que para o efeito de se dissiparem e arrancarem tantas e tão graves inquietações, acuzações e queixas, quase nenhuma eficacia e vigor tiveram nem os sobreditos remedios (admoestações, cerceamento de privilejios e reformas no instituto da Companhia) nem os outros muitos que ao depois se foram applicando; e que foram a esse respeito baldadas as fadigas dos nossos outros predecessores, Urbano VIII, Clementes IX, X, XI e XII, Alexandres VII e VIII e Benedicto XIV, os quaes todos forcejaram por restituir á Igreja a descaida paz e quietação, publicando a este fim muitas e mui saudaveis constituições, já sobre se não deverem manejar negocios seculares fora das sagradas

missões ou por ocasião d'elas, já sobre as gravissimas dissensões e disturbios que, contra os ordinarios dos logares, contra as ordens Religiozas, contra os logares pios, contra todo o jenero de comunidades, tinham excitado na Europa, na Asia e na America os Regulares da Companhia, não sem grande ruina das almas e espanto dos povos; já tambem sobre a intelligencia e pratica de certos ritos jenticos, que, em alguns logares, estava por eles sendo ensinada e admitida, preteridos assim os outros ritos, solememente aprovados pela Igreja Universal; já sobre o uso e interpretação das Decretaes e Sentenças, que a Sede Apostolica justamente condemnára, como escandalozas e nocivas á boa disciplina dos costumes:—já, em ultimo logar, sobre outros pontos que certamente são de grandissima importancia e muito necessarios para se conservar e pôr em salvo a pureza dos Dogmas Catolicos, e dos quaes não menos n'esta nossa idade como nas passadas, rezullaram muitos danos e trabalhos, isto é perturbacoes e tumultos em alguns paizes da Cristandade, perseguições da Igreja em algumas provincias da Asia e da Europa, grandissima dôr e tristeza para nossos Predecessores, e entre eles, para o Papa Innocencio XI, de pia memoria, que obrigado da necessidade e urgencia das coisas, chegou a termo de proibir á Companhia admitir noviços; como tambem para o Papa Innocencio XIII, que tambem se viu constrañido a cominar-lhes a mesma pena; e, finalmente, para o Papa Benedicto XIV, de saudosa memoria que julgou necessario nomear Vizitador para as Couzas e Colejios existentes nos dominios do nosso muito amado, em Cristo, filho, o Rei Fidelissimo de Portugal e dos Algarves; sem que depois de tudo isso se seguisse ou para a Sede Apostolica alguma consolação, ou para a Companhia algum remedio, ou para a republica cristã algum bem...

«Tendo nós, pois, applicado tantos e tão necessarios meios; ajudados, como confiamos, da assistencia e inspiração do Espirito Santo... tendo, tambem, considerado que a dita Companhia de Jezus não só não poderá jamais produzir aqueles abundantes e copiozos fructos e proveitos para que foi instituida, mas que antes, persistindo no estado em que actualmente se acha, será muito difficuloso, senão de todo o ponto impossivel, que se restituá e conserve por muito tempo, na Igreja, a verdadeira paz:

Por isso, movidas d'estas gravissimas couzas (nada menos de 24 articulados no Breve condenatorio), e compelidos d'outras razões de igual peso... com maduro conselho, certiencia e com a plenidão do poder Apostolico, Suprimimos E Extingui-

para não receiar o peor dos inimigos que é a necessidade. Portanto, muito amado conde, meu valorozo jeneral, aceite o vosso emprestimo; e tomarei da vossa fortuna tres contos de reis que vos recompensarei com o menos, que é o dinheiro, e com o mais que é a minha eterna gratidão. Deus nosso senhor vos tenha em sua santa guarda. De S. Gens de Calvos aos 12 de maio de 1845.

Miguel Rey.

Esta carta não confirmou nem removeu as suspeitas do padre Rocha. Quando o Cerveira lhe perguntou:—que tal? o que d'zia ele?—do-brava a carta vagarozamente, encolhia os hombros e respondia:—Em fim... não sei...

—Não sabe o quê? lá que eu lhe levo o dinheiro, isso levo. Podéra não! Tudo o que eu tiver até a camisa do corpo. Ou se é amigo, ou não se é amigo, heim? Que d'z a isto padre?

—Se quem escreveu esta carta é o snr. D. Miguel faz V. Ex.^a o que deve porque faz o que pôde; mas seria bom ter a certeza...

—De que é o rei que me escreve? —Sim... a prudencia... ha muito maroto por esse mundo,

mos A Tantas Vezes Nomeada Companhia».

Eil-a julgada! Fulminantemente; de todo e por uma vêz.

Pelo proprio papado; pelos representantes supremos, indiscutíveis, do Deus catolico.

Condenada a supressão total, definitiva, pelos seus perigos na familia religioza, pelos seus atentados á unidade e santidade da Fé, pela sua caracteristica de açambarcadora do mando e dos bens terrenos. Os proprios papas a rejeitam, até esses, para salvação das almas e para a paz das sociedades, a lançam do seio da igreja com severidade e inflexivel justiça! Não são os profanos, não é a sociedade civil que a condena de uma maneira absoluta, que a julga fomentadora da dezordem, cauzadora do erro, motivo de guerra e de mal na familia e na religião.

E' o proprio papado! São os «Santos Padres» em pessoa.

Não um só! Não fortuitamente! Desde a fundação a Companhia de Jezus apartou-se da intenção com que os papas a lejitimaram de rebanho de mansos e humildes e jenerozos apóstolos, cedo se transformou em alcateia de lobos, em sociedade de esbirros da peor e mais infame opressão. A sentença de Clemente XIV, um dos papas mais illustres da Roma catolica, é um brado eterno, indestrutivel e irrespondivel. Ela, caridozamente, em nome de Deus e obedecendo á justiça pura, fulmina de condenação eterna e sacrosanta a Companhia maldita. Hoje o papado defende-a, defendem-na os bispos catolicos, entoam lhe osanas a grande maioria dos padres...

E' que a Companhia de Jezus conseguiu, com a reacção politica do principio do seculo findo, tornar-se indispensavel á tirania dos reis e ao sordido interesse de Roma. Pio VII restabeleceu-a, ainda assim cauteloamente «para as provincias e reinos que a pedirem, unicamente para esses...»

Depois Pio IX deveu-lhe a proclamação do dogma da «Imaculada» e sentença da «Infallibilidade», entregando-se-lhe, em paga, de coração, com uma docilidade de couza... Principes e papas, pois, como quem sustenta uma cohorte de bufos ou um regimento de janizaros, tudo lhe entregaram para a conveniencia dos seus fins occultos.

D'ahi o seu dominio, a sua influencia; e d'ahi o espetaculo triste e dolorozo a que assistimos, de recuo e abastardamento. Todo o mal, ou melhor, toda a desgraça, vem do jezuita. E jezuita, hoje em dia, é a expressão lapidar de toda a reacção politica, social e religioza. Combatel-o, pois, é o dever inde-

—O padre então está a lêr! Cui-da que eu lhe dava o meu dinheiro sem o vêr? Hei-de vel-o com estes e ouvil-o falar primeiro.

Mas deixe-se de asne'ras, padre Rocha! E' tão certo Deus estar no ceo como ele estar em Calvos.

—Bem!—atalhou o Rocha apressado, erguendo-se—quando vae V. Ex.^a a Calvos?

—Hoje é terça-feira; a roupa chega de Braga na sexta, e parto no sabado. Ora agora, vou lá mandar o Zeferino a dizer-lhe que vou beijar-lhe a mão e levar-lhe os tres contos. Se faz favor escreva-me ahí duas linhas, só duas linhas, a dizer isto.

O padre escreveu, e saiu muito preocupado. Celebrou a missa a D. Andreza e pediu-lhe licença para se auzentar por tres dias. Relatou á fidalga as suas desconfianças, o dever que se impunha de salvar o pobre idiota de alguma cilada á sua imbecilidade, e talvez de um roubo á mão armada.

—Mas quem sabe se é realmente o snr. D. Miguel que lhe pede dinheiro?—refletia D. Andreza discreta e sensibilizada.

E' o que eu vou saber.

clinavel de todos os homens que anceiam pela prosperidade e rejuvenação da sua patria.

Combatel-o é trabalhar pelo Bem.

Um estado... no estado

OS CARROS DE BOIS

No sabado ia acontecendo, na Praça, um lamentavel desastre. Foi o caso que um carro de bois, correndo á desfilada, ia atropelando um ciclista: valeram-lhe uns populares que, afortunadamente, detiveram os animaes. Motivo o de sempre, o de todos os dias, o de todos os detestaveis habitos em que vivemos: veem os bois á solta e o condutor, ás vezes, a centenas de metros de distancia, como se as ruas do povoado fossem areal onde ninguem passe, deserto, nú e vazío. Reclamações, perigos constantes, successivos desastres, tudo isso passa sem impressionar, sem acordar *quien todo lo manda*. Se algum, pacientemente, tivesse feito a estatística annual dos dezastres ocasionados por carros de bois, á solta nas ruas de Ovar, e se, indignadamente, esse algum bradasse — ó da guarda! contra os responsáveis acuzando-os de crininosos, o que não se ergeriam de temp. pestades, de impropios, de vaidades feridas, contra o audacioso, o irreverente... Ora, nós, não pretendemos soltar o grito de indignada veemencia; conhecemos isto, e vemos, bem, que a nossa colera cairia sobre pedreas indifferenças, insuscetiveis de um movimento forte, enerjico, de reprovação pelo que censuramos alto, precisamente por toda a parte... o dizer á boca pequena. Portanto, pois, não protestamos, nem pedimos que se faça a couza, pelo menos, com meia duzia de cabeças... Não senhores. Pacificamente, borracheironamente, pedimos á camara que acorde; que demonio, mal lhe parece levar a vida numa soneca pegada desde que nasceu até hoje! Esperte sua senhoria.

Olhe para isto. Veja os carreiros de varapau ao hombro e a passo de não te rales, distantes dos bois pelo menos tanto como está longe a edilidade de corresponder ao nome que tem.

Veja e considere que a rua é o lugar de passagem de creanças, de mulheres, de velhos, de toda a jente. Veja, e não esqueça que o boi apezar de vir de remotas civilizações, ainda não aprendeu, no manual de Felix Pereira, a arte preciosa e tranquilizante de delicada e correctamente não pizar o bipele com quem se encontra. Emfim, leve em conta que lhe corre a obrigação de atender, tambem, ás couzas miudas; de dispenser, tambem, algo com a publica administração, em atenções e cuidados de policiamento.

Sibemos que taes atenções são mesquinhas, concordamos em que fazer entrar carreiros na boa ordem é uma maçada que pessoalmente só dá fadiga e talvez rancorosos espantos de jente habituada a fazer tudo o que mais lhe aprez. Sim, nós o sabemos e calculamos que não será agradável. Mas as pequenas couzas, ás vezes, é que transformam os mundos e determinam o futuro, e não será demais desejar-se que a municipalidade procure, no assunto «carros de bois» obter para os seus municipios certas garantias de indemnidade jeral.

Tal como está, a passagem dos carros é uma vergonha, é uma lastima, é um revoltante desleixo. Não dizemos isto á edilidade para a magoar, ou para termos o gosto de vingar o homo-vareiro dos bois e de quem os guia; dizemos-o pois que é a verdade sem biocos, sem pó de arroz, sem anquinhas. Digne-se a camara acordar, abrir

os olhos; que ha um rôr de tempo que é dia! Sít da modorra oportunista, decida-se a proceder com sensatez e enerjia. E verá como, imediatamente, ganha o appetite louvavel, beneficio, de forçar os carreiros a andar á sogra. Verá como não lhe falta que fazer, e verá como, trabalhando, ganha o tempo.

CHRONICA AGRICOLA

XLVII

A nitrificação

Quando em chronicas anteriores (XXXII e XXXIII) fallei do azote e adubos azotados expliquei que essa substancia se encontra sob tres fórmas: organica, ammoniacal e nitrica, sendo esta a melhor fórma para ser aproveitada por as plantas.

A natureza encarrega-se d'operar lentamente essas transformações, mas isso não basta porque dadas as condições especiaes da epocha em que vivemos, nós temos d'auxiliar e até ás vezes corrigir a natureza para obtermos mais rapidamente o que ella sem a nossa intervenção só morosamente nos daria.

A acção transformadora do azote ammoniacal em nitrico, é o que se chama *nitrificação* e por a sua importancia na agricultura tem ella sido objecto d'atuidos e persistentes estudos d'alguns sabios a que hoje devemos as noções ainda não completas do que ella seja.

Sem querer historiar esses estudos, o que seria descabido n'estas chronicas, basta dizer que está hoje assente que a nitrificação é devida á acção de *micro-organismos*, isto é, de seres infinitamente pequenos que só se podem ver por meio de microscopios poderosos, que são uns aparelhos armados de lentes (vidros d'aumento).

Já se descobriram até variedades d'esses seres ou *fermentos*, uns esphéricos, immoveis (*Nitrosococcus*) e outros ellipticos e moveis (*Nitrosomonas*).

Tudo isto que para nós parece nada importante, serve de muito aos sabios para dirigir os seus estudos e poderem depois dizer-nos o que devemos fazer para obter os melhores e mais rapidos resultados. Já nos podem afirmar que esses micro-organismos que tantos beneficios nos fazem, existem abundantemente por toda a parte, ainda mesmo em pontos nunca habitados nem cultivados; esperam apenas circumstancias favoraveis para trabalharem.

Essas circumstancias são: bastante ar, temperatura de 5 a 55 graus, sendo o optimo a 37 graus e começando a apreciar-se já a 12, presença d'uma base (carbonato de cal), uma quantidade conveniente d'humidade, e claro está, a existencia de materia azotada nitrificavel. Ha ainda quem considere como circumstancia necessaria a mobilisação do solo que, incontestavelmente influe muito favoravelmente na nitrificação; mas parece-me que essa influencia é mais devida ao arejamento do solo e á distribuição mais regular da agua, do que como querem alguns (*Schloesing*) á melhor repartição dos fermentos nitrosos que todavia é certo dar-se.

E' por isso que se aconselham as lavouras repetidas e fundas, as sachas, cavaes, etc. Conhecidas como estão as circumstancias favoraveis á nitrificação que acima indico, comprehende-se bem que nem sempre se podem ellas dar ao ar livre o que nos prejudica porque demora o preparo dos estrumes.

Além das perdas que o preparo dos estrumes em logar improprio nos traz, pela evaporação e pela infiltração, dá-se a circumstancia de haver falta ou excesso d'humidade, de calor, etc. que variam immensamente do verão para o inverno e ás vezes dentro da mesma estação.

O mesmo acontece com a nitrificação feita nas terras cultivadas.

E' necessariamente irregular e demorada correndo ainda o risco de ser prejudicada e inutilisada pelos micro-organismos ou reacções *desnitrificadores* que tambem existem sempre no terreno.

E' facil deduzir d'aqui a vantagem das nitrificações artificiaes ou sejam uns depositos que, pelas suas condições especiaes garantam as circumstancias favoraveis ao phenomeno da nitrificação. Assim devem ser abrigadas do sol e da chuva para além d'evitarem as perdas por evaporação e infiltração se lhe regular o calor e a humidade; devem ser sufficientemente arejadas visto saber-se, que os fermentos nitrificantes são *aérobios* (vivem e precisam d'ar) e devem ter um deposito onde se junte o liquido que escorre do estrume não só para lhe restituir os elementos importantes que elle arrasta, como para lhe regular a humidade.

Como vimos é indispensavel a existencia d'uma base (cal) para a nitrificação se fazer; isto explica a razão porque nas terras acidas, humíferas, o estrume se não consome — porque se não nitrifica por falta de cal — e d'ahi as vantagens da calagem que eu já expliquei quando fallei da cal.

Como consequencia logica de todo o exposto se conclue que nos terrenos ligeiros permeaveis ao ar se podem empregar os adubos organicos ou ammoniacales e nos compactos e impermeaveis os nitratos, porque n'elles seria mais difficil fazer-se a nitrificação.

VARIEDADES

A bussula

A bussula, é um círculo com 32 raios indicadores de outros tantos rumos no centro do qual oscilla, suspensa sobre um eixo, uma agulha imanizada, cuja ponta indica permanentemente o norte; no extremo oposto o sul. O diametro transversal do círculo designa á direita o nascente, levante, este, ou leste; á esquerda o ocidente, poente, ocazo ou oeste.

Entre estes 4 rumos principaes — norte, sul — nascente, poente — projetam-se outros quatro chamados colateraes — nordeste, sueste, sudoeste, noroeste.

Entre os referidos oito rumos, oito meios rumos ou meias partidas — nornordeste, estenordeste, estesueste, susueste, susudoeste, oestesudoeste, oestenoroeste, nornoroeste.

Entre os dezasseis rumos e meios rumos, dezasseis quartos de rumos.

Cada um dos raios de rumo é assinalado por uma ou mais letras, abreviatura dos nomes dos rumos e meios rumos: N.—norte, N. N. E.—nornordeste, N. E.—nordeste, E. N. E.—estenordeste, E.—este, E. S. E.—estesueste, S. E.—sueste, S. S. E.—susueste, S.—sul, S. S. O.—susudoeste, S. O.—sudoeste, O. S. O.—oestesudoeste, O.—oeste, O. N. O.—oestenordeste, N. O.—noroeste, N. N. O.—nornoroeste.

O; referidos rumos, meios rumos e quartos de rumos correspondem nos respetivos pontos cardaeas aos diversos ventos, por isso a bussula é denominada tambem — roza dos ventos.

Com este precioso instrumento guiam-se os navios pelas solidões dos mares, muitas vezes atravez de centos e milhares de leguas, indo precisamente ter ao ponto a que se destinam, e d'ahi o nome que os marinheiros lhes dão de — agulha de marear.

A bussula é tambem um guião precioso para os exploradores nos grandes desertos e nas rejões desconhecidas.

A procedencia da bussula attribuida por certos autores aos chinezes é realmente incerta e foi até ás grandes navegações portugezes um instrumento grosseiro. Foram os nossos mareantes que a aperfeçoaram e lhe elevaram os raios directrizes de 16 a 32.

Lavagem das rolhas

Ha muita jente que por economia, reserva rolhas já servidas mas pouco perfuradas, para as aproveitar de novo; os inconvenientes d'este sistema só podem prevenir-se submetendo essas rolhas a uma lavagem desinfetante. Deitam-se as rolhas n'uma celha d'agua contendo um decimo de acido sulfúrico. Deixam-se estar no recipiente vinte e quatro horas. Ficam assim limpas, sem nenhum cheiro a môfo. Lavam-se depois com agua a ferver, e por fim abundantemente com agua fria, ficando boas para engarrafamento, especialmente, se as garafas forem lacradas.

A propozito vem o dizer que é de pessima economia comprar rolhas baratas, duras, porozas. Contem um pó que se mistura com o vinho, o turva, e lhe pode transmitir má gosto. Partem-se mais frequentemente, e assim se inutilizam. São pois, ainda mesmo que baratas, um recurso economico nada recomendavel.

Cancioneiro popular

Jurei nunca mais na vida dizer adeus a ninguém.
Quem parte saudades leva,
quem fica saudades tem,

NOTICIARIO

Dia a Dia

De regresso de Coimbra, já se encontra entre nós o nosso sympathico amigo e distincto quartanista de direito Anthero Araujo d'Oliveira Cardoso.

—De regresso das Caldas da Rainha para onde havia partido, encontra-se já na sua *Villa Paranaense* do Furadouro, o nosso excellentemente amigo snr. Comendador Manoel Pereira Dias.

—Está no Furadouro a uso de banhos com sua familia o snr. Francisco Fernandes de Souza Villa.

—Vindo de Porto Alegre (Brazil) chegou ha dias a sua casa de Vallega, o snr. Antonio José Rodrigues dos Reis.

—De visita a sua familia encontra-se n'esta villa com sua esposa o snr. Virgilio Duarte Silva.

—Chegaram do Brazil os nossos patricios João e José Alves Ferreira Lopes.

—Partiram segunda-feira para Luso os nossos amigos Fernando Arthur Pereira, Alvaro Valente d'Almeida e Mario Tarujo Larangeira.

—Cumprimentamos n'esta villa o snr. Luiz de Mello Freitas Pinto, d'Agueda.

—Regressaram de Entre-rios, onde estiveram fazendo uso de suas aguas, os snrs. Silverio Lopes Bastos e Antonio da Conceição.

Suicidio

Suicidou-se no dia 7 do corrente, lançando-se ao Douro do taboleiro superior da Ponte D. Luiz do Porto, o snr. João Lopes Valente, filho do nosso conterraneo e considerado commerciante em Gaya snr. José Augusto de Pinho Valente e sobrinho do nosso amigo snr. João de Pinho Valente.

A familia do inditoso moço o nosso cartão de condolencias.

Desastre

No dia 3, andando José Pereira de Pinho, solteiro, a desterrar um pinhal com Manoel da Fonseca e Manoel Maria da Fonseca de Pinho Osorio, todos do logar de Candosa, de Vallega, foi colhido pela queda de dois pinheiros, morrendo instantaneamente.

Feita a autopsia perante o juizo de paz de Vallega, verificou-se que a morte foi produzida pela fractura do craneo.

Fallecimento

Falleceu no dia 6 n'esta villa a snr. Rosa Rodrigues Perfeito, irmã do nosso conterraneo e correligionario snr. João Rodrigues Valente Perfeito, bemquisto industrial em Gaya.

O funeral realiso-se no dia immediato á noite, sendo o fero deo depositado no jazigo da familia.

A familia enlutada os nossos pezames.

Mizericordia d'Ovar

Por virtude d'um protesto levantado por parte da assistencia quanto á fórma de sortear, foi addiada *sine die* a rifa d'uma magnifica salva de prata que estava marcada para domingo passado, em beneficio do cofre da futura instituição da Mizericordia.

Actos

Na Universidade de Coimbra fez ultimamente actos de todas as cadeiras do 3.º anno da faculdade de direito, ficando approvedo e n'uma com distincção, o snr. José Maria Marques d'Oliveira Reis, de Vallega.

Parabens.

Imundicies

No nosso numero passado verberámos o inqualificavel desleixo em que se encontram as ruas d'Ovar e especialmente as principaes, e hoje, ainda que levemente, por nos faltar tempo e espaço, não podêmos deixar sem reparo a notavel incuria e absoluto despreso a que se vota a praia do Furadouro. Consente-se que ella se transforme n'uma nojenta montureira espalhando com uma profusão infame toda a especie de nauseantes chieiros a ponto de causar enjões, e mesmo vomitos, áqueles que ali habitam por necessidade ou distração.

Os montes d'escaço são ás desenas por toda a praia, não havendo espaço reservado para o seu deposito nem horas para a sua condução.

Entretanto a administração e a camara... dormem!!!...

Contribuição industrial

Estará patente na repartição de Fazenda d'este concelho por espaço de 10 dias, a contar de amanhã, 9 do corrente, a matriz da contribuição industrial, afim de que qualquer contribuinte possa examinal-a e reclamar, querendo, sobre:

1.º Erro na designação das pessoas e moradas ou dos factos sujeitos á contribuição;

2.º Injusta designação da tabella, parte, classe e lançamento das taxas fixas;

3.º Indevida inclusão ou exclusão de pessoas.

Estas reclamações deverão ser apresentadas na dita repartição no praso acima indicado e deverão ser escriptas em papel sellado da taxa de 100 réis.

As decisões da Junta estarão patentes desde 29 d'este mez, podendo os contribuintes recorrer d'ellas para o Juiz de Direito da comarca até ao dia 7 de setembro proximo.

No Furadouro

De Agosto a Outubro será feita ali a distribuição d'*A Patria* aos nossos assignantes.

Diz o Parodia que tambem n'essa epocha fornecerá *aos amigos* a fresquinha agua do casal a 50 réis a bilha; não para viver, mas sim para *proteger* as lindas sopeirinhas.

ANNUNCIOS

Agradecimento

A familia do finado José Luiz da Silva Cerveira, agradece, assás penhorada, a todas as pessoas que se dignaram cumprimentar-la por occasião do seu fallecimento, bem como ás que acompanharam os restos mortaes á ultima morada, protestando-lhes o seu reconhecimento.

PASSA-SE

Um negocio de vinhos e alguns artigos de mercearia, na rua dos Campos d'esta villa.

Para vêr e tratar com seu proprietario Manoel Nunes Lopes.

TANOARIA

E

ARMAZENS DE VINHOS

PARA

Consumo e exportação

DE

Carrelhas & Filho, Suc.^{or}

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO

•••

Na sua "Tanoaria,, faz, toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

RUA DAS FIGUEIRAS

== OVAR ==